



2006

1991

Das casas de madeira às de alvenarias, o antigo acampamento de operários é um baú de saudade

Fotos: Alvaro Henrique/Especial para o CB/16.4.06



Onde que quer vá, na cidade onde mora, Marilene tem uma história para contar do que ali viveu. Até no espaço onde existia a igreja São Geraldo, hoje só chão

Quem disse que ela ia acabar?

MARINA AMAZONAS
DA EQUIPE DO CORREIO

“**E**ita, meu irmão quebrou o braço aqui.” O início da conversa foi um anúncio do que estava por vir: ruas, terrenos baldios, casas, bares, campos de futebol ou uma simples árvore contam histórias que talvez ficassem esquecidas para sempre em algum lugar do passado. Não são casos de uma cidade, mas de uma vida. A autônoma Marilene de Almeida, de 45 anos, que pronunciou a frase acima, topou a “brincadeira” e levou a reportagem do *Correio* para passear no seu pedaço da história: a Vila Planalto.

Como todos nós, a Vila nasceu com apenas uma certeza: ia morrer um dia. Mas como quem desenvolve a fórmula da vida eterna, os moradores da cidade resolveram que não iam ceder tão fácil. “Lembro da associação de moradores brigando para que os lotes fossem sorteados entre os ocupantes da época. Tive a felicidade de ser sorteada na primeira leva”, lembra Marilene. Dessa afirmação para frente, foi dada partida na máquina do tempo.

O marco zero: a casa onde passou grande parte da infância e adolescência, com os pais e irmãos. No lugar da tradicional estrutura de madeira sobreposta, alvenaria. “Lembro bem que a casa era suspensa, o que dava um frio danado. Assim que meu pai pôde, cobriu tudo de cimento, apesar de ser proibido”, diz a autônoma.

A rua também não escapou das máquinas. No lugar da terra, asfalto. “Junto com o barro, levaram as brincadeiras de criança. Não dá mais para jogar finca, nem bola de gude. A modernidade é boa, mas não podemos deixar ela varrer o passado”, comenta. “Meus cinco filhos não tiveram a infância que eu pude ter”, completa.

Mas não foi só o asfalto que espantou as crianças das ruas. A pior face da cidade grande entrou, sem pedir licença, na pequena Vila, com pouco mais de 13 mil habitantes. Roubo, tráfico de drogas ou a simples violência gratuita invadiram timidamente algumas vielas e hoje se instalaram descaradamente até no “templo sagrado do futebol da Vila”, o Dê-fê-lê, ou DFL, para os menos íntimos.

O Campão de Terra ainda existe. “Eu organizava um time chamado Vila-Nova. Era ótimo. Sempre participávamos de torneios. Eles só não gostavam quando eu queria jogar também. No gol, eu era uma negação”, recorda-se. De um lado do Campão, para olhos desavisados, apenas algumas árvores. Mas para Marilene, ali era o alojamento dos solteiros. “A mulherada era louca para entrar. Só porque era proibido. Mas o porteiro, conhecido como Pai Véio, tratava de esfriar os ânimos da meninada.” Tempos depois, com o grupo católico Legião de Maria, Marilene matou a curiosidade. “Entramos para dar conselhos espirituais para os moradores. Era muito frio, sujo e bagunçado. Bem diferente do que nós imaginávamos”, conta com tristeza.

Já na ponta oposta, muito motivo para se alegrar. “Eu devia ter uns 11 anos. Não peguei o cinema aberto, mas descer a escadaria em cima de um carrinho de rolimã era impagável. Sempre terminava em queda”, revela em meio a uma série de gargalhadas.

Depois de descobrir que não dava para jogadora

de futebol nem para piloto de carrinho de rolimã, restava a Marilene estudar. O que ela fazia religiosamente. O único problema dela com a antiga escola era a hora do recreio. “O lanche da escola era horrível. Acho que é a única coisa que eu não tenho saudade daquele tempo.” Assim como a maioria das lembranças de sua infância, o prédio da Escola Classe da Vila Planalto não existe mais. No lugar, um campo com árvores e a esperança da reconstrução do prédio. “Não queremos somente o prédio de novo, mas a inauguração do 2º grau. Hoje, quem quer continuar os estudos, tem que sair da Vila”, conta. Do outro lado do pátio, uma árvore centenária onde a criança se pendurava para brincar de Tarzan.

A parada final da caminhada foi em dos locais mais presentes na vida de Marilene. A Igreja de Nossa Senhora do Rosário da Pompéia, ou melhor, o local onde ficava o templo. Incendiada em março de 2000, depois de passar dois anos interditada e ameaçando cair, a ausência da paróquia é sentida por grande parte da comunidade. “Para a Semana Santa, tivemos que montar essa tenda”, fala Marilene apontando para o altar improvisado, ao lado do terreno vazio.

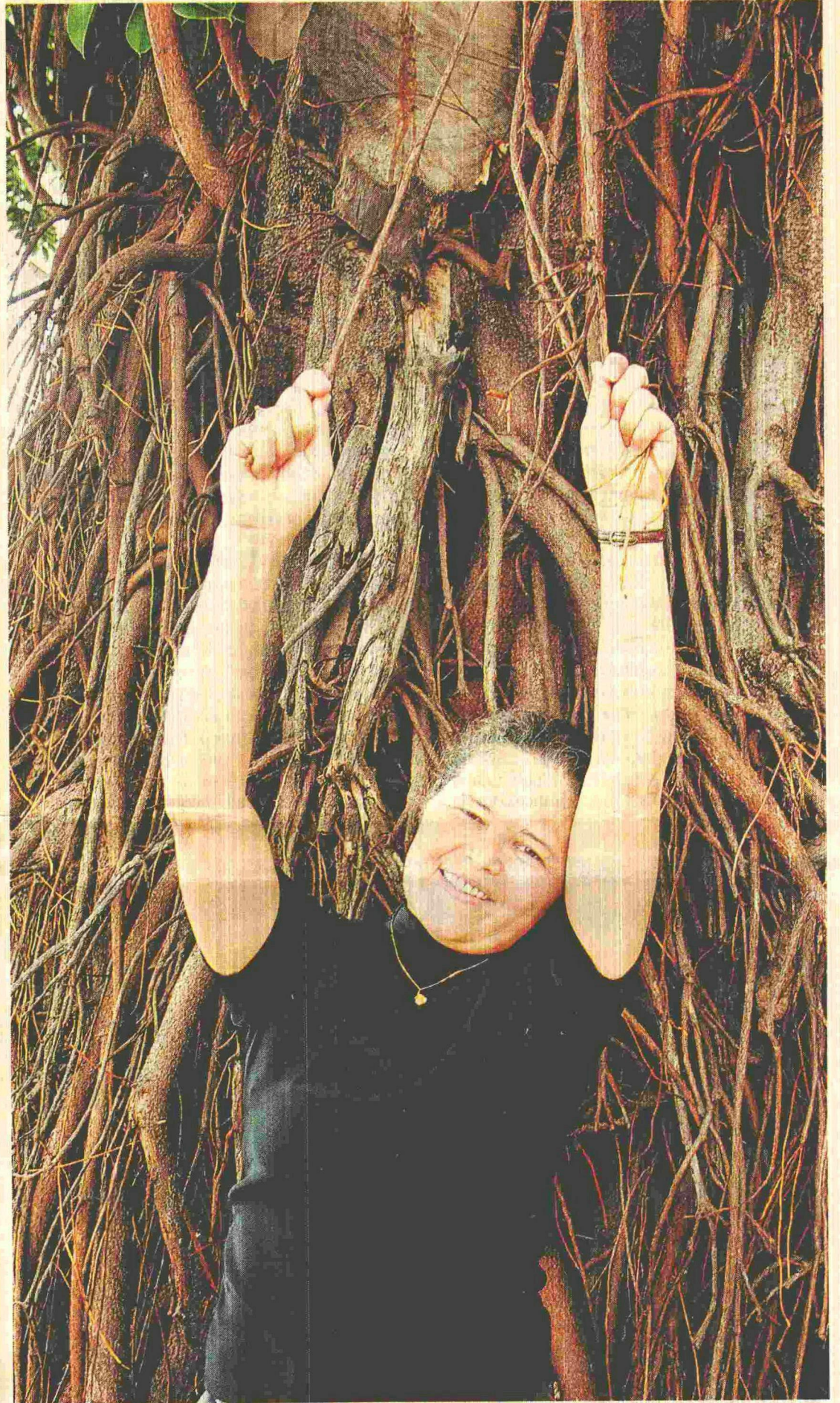
“É difícil não saber quando teremos nossa igreja de volta. Meu casamento e o batizado de dois dos meus filhos foram aqui. Fora isso, minha família sempre frequentou as missas aqui celebradas”, reclama Marilene, carente de informações sobre o processo de reconstrução. Na realidade, as obras da nova sede católica já deveriam ter começado. Desde o ano passado, a bancada do Distrito Federal no Congresso Nacional conseguiu a liberação de R\$ 400 mil do orçamento da União para a recuperação do patrimônio. Os recursos devem sair do Ministério da Cultura, por meio da Lei de Incentivo à Cultura.

Esperar, esperar

De acordo com o subadministrador da Vila Planalto, Vantuil Paulo de Santana, a reconstrução deve ter início até o mês de junho. No entanto, o valor conseguido para a obra não será suficiente para a conclusão da igreja. Estima-se que o total necessário seja de R\$ 888 mil, em oito meses de trabalho, para manter a fachada em madeira de lei e ainda construir a estrutura interna em alvenaria. Resta aguardar.

A Vila Planalto tem 1.018 lotes, espalhados por 74 hectares em uma das áreas mais nobres de Brasília. De um lado a residência oficial do presidente, o Palácio do Alvorada. Na frente, o Lago Paranoá e do outro lado, o Congresso Nacional, o Palácio do Planalto e a Esplanada dos Ministérios. São 14 mil moradores regularizados, porém nenhum tem alvará de construção ou escritura. Todos moram lá mediante uma concessão pública de terras. As propriedades pertencem à Terracap. O que exclui a possibilidade de venda.

Criada em 1956, a Vila estaria completando 50 anos se fosse considerado o período que antecede a fundação de Brasília. Dividida em cinco acampamentos, cada região leva o nome da construtora para qual os moradores do local trabalhavam. Rabello e Pacheco Fernandes foram as primeiras. Depois chegaram Tamboril, EBE e DFL. Ainda hoje, é preciso identificar em qual dos acampamentos fica o endereço para chegar a qualquer lugar. Em 1958, eram 22 acampamentos em uma área de 310 hectares, que se estendia até os anexos dos ministérios, o Senado Federal, o Palácio do Planalto e o Setor de Clubes.



Fotos: Alvaro Henrique/Especial para o CB/Reprodução/16.4.06



O casamento de Marilene, na histórica igreja de Nossa Senhora do Rosário, hoje somente um chão vazio e uma enorme saudade dos moradores da Vila Planalto. Embaixo, ela com o pai em frente a uma bodega de madeira

